



## Projeto de Iniciação Científica PIBIC SAE/AF

**“Os elementos sígnicos do Cinema-Mudo como ferramenta criativa às Artes Cênicas”**

Ênfase nas obras “*Em Busca do Ouro*”, de Charlie Chaplin, e “*Sherlock Jr.*”, de Buster Keaton

Juliana Eiras

Estudante do Departamento de Artes Cênicas da UNICAMP

Orientador: Rodrigo Spina de Oliveira Castro

**Resumo:** Esse projeto, de cunho teórico-prático, teve como objetivo pesquisar os elementos sígnicos que constituem o cinema não-falado, usados para a condução da fábula sem o recurso de diálogos gravados, como ferramentas criativas aos artistas cênicos.

Seu ponto de partida foram as ferramentas encontradas no processo criativo do espetáculo “*O Grande Duelo*”, peça de teatro que simula em palco um filme mudo, realizada pelo grupo teatral *Criados Mudos*, do qual sou integrante. Para isso, o projeto foi dividido em duas etapas: a primeira, sendo de cunho teórico, usou uma bibliografia indicada e o acervo cinematográfico do período como estudo-base, com a eleição das obras “*Em Busca do Ouro*”, do cineasta Charlie Chaplin, e “*Sherlock Jr.*” do cineasta Buster Keaton, para aprofundamento da pesquisa. A escolha de tais artistas se justifica por ambos virem de uma tradição circense e do teatro de variedades, o que influencia no repertório cênico apresentado em seus filmes, seja no registro de atuação ou em elaboração de *gags* - efeito cômico de uma representação com um elemento surpresa.

A segunda etapa, de cunho prático, tinha como proposta a criação de um grupo de estudos com estudantes da graduação em Artes Cênicas para a experimentação em cena dos elementos observados na primeira etapa. Porém, devido a pandemia, o projeto necessitou ser adaptado, sendo realizado apenas pela orientanda, na elaboração de exercícios que explorassem os elementos em vídeo, com discussões online com o orientador. Também criou-se exercícios para serem realizados em cena, mas estes ocorrerão quando não houver mais o isolamento social entre os estudantes.

**Objetivos:** Reconhecer elementos de criação usados na história do cinema mudo, com ênfase nas obras dos cineastas Charlie Chaplin e Buster Keaton, e traçar

paralelos de como tais poderiam ser aplicados na cena teatral, servindo como ferramenta criativa ao âmbito das Artes Cênicas. Estima-se que, ao menor contato de conhecimento ou aplicação da pesquisa, seja possível ampliar a sensibilidade para outros modos de composição em cena, partindo de materiais externos à sua área em comum, como fonte de inspiração; além de fomentar a prática e a aproximação entre os estudos sobre o cinema e o teatro e suas futuras pesquisas em conjunto. Procura, por fim, reconhecer os elementos sógnicos do cinema mudo e o trabalho da pantomima como potenciais criativos à cena.

**Processo da pesquisa:** Deste modo, foi elaborado um cronograma de exercícios para experimentação dos elementos já identificados na etapa teórica, são eles: a montagem - como a ordem das imagens direcionam um entendimento e a sensação do evento; o fotograma - elementos visuais que o compõem, assim como o seu devido enquadramento; a legenda - e suas múltiplas funções; a trilha sonora - condutora das emoções e espécie de narradora das ações; a dramaturgia - e sua aplicação sem o recurso de diálogos gravados; e o jogo cômico - inspirado na estrutura de cena do palhaço e no estudo da máscara.

Para a fotografia, houve a exploração de fotofilmes e fotos temáticas. No primeiro, a propõem-se a realização de um fotofilme diário no período de sete dias, onde a premissa era apresentar em sua narrativa, uma quebra de expectativa. O experimento trouxe a importância da síntese da imagem, assim como a reflexão sobre quais elementos colaboram e quais desfavorecem para o entendimento e sensação desejada ao público; quantas fotos são necessárias para apresentar um evento, e, em sua montagem, quais recursos podem ser utilizados, que somam a criação. Na segunda proposta, alguns temas foram propostos com o objetivo de produzir fotografias sobre os mesmos. A recomendação era evitar o uso de expressões faciais como matriz da fotografia, e ao invés disso, procurar explorar elementos de composição entre objetos e espaço físico, assim como o ângulo da foto, sua distância entre o objeto fotografado e sua edição, na escolha de cores, contraste, saturação, entre outros - ainda mantendo uma edição mais simples, sem recursos de colagens ou efeitos especiais. O objetivo deste exercício era perceber como determinadas formas, linhas, vetores e eixos transmitem significâncias para um observador, no caso, o público. Nesta atividade, no trabalho da composição, busca-se retratar palavras com significados abstratos em fotografias poéticas utilizando-se de elementos concretos, assim como entender a importância da análise dos elementos de composição não só em si mesmos, mas também em relação aos demais, tanto entre eles, quanto ao público.

No que se refere a trilha sonora, foi proposta a elaboração de dois vídeos, um para cada música selecionada, onde elas exercessem a função de trilha sonora. Já identificamos que a música é um elemento extremamente potente para essa linguagem, pois é o fio condutor da história, do ritmo interno da cena e das emoções - podendo fazer o público rir, chorar, se assustar, se irritar, entre outros estados. A

música nos traz imaginários, causa sensações, conduz o ritmo da obra, e seus elementos de composição, tais como os acordes, o andamento, a melodia, a harmonia e o próprio material do instrumento, todos eles juntos se encaminham para um nicho de percepções, que ao entrar em contato com imagens podem adquirir também outras significâncias. Mas é inegável que a música por si, já conta uma própria história. O próximo exercício foi criar um roteiro a partir de uma música escolhida. O segundo comando foi criar um *storyboard* (uma sequência de desenhos, quadro a quadro, com o esboço das cenas pensadas para um conteúdo em vídeo) a partir deste roteiro, organizando as imagens da narrativa em enquadramentos.

Foi feita a elaboração e criação de vídeos com o intuito de explorar o recurso de legenda. Esta tinha como requisito ser um ditado popular. Além de identificar suas possíveis funções, já mencionadas acima, sua forma também pode ajudar na composição, através da escolha da fonte, do seu tamanho, e do local em que é inserida. Isso nos lembra que podemos usar recursos da escrita, tais quais usamos nas nossas comunicações por mensagens de texto, que, por sua vez, são tentativas de representar a oralidade de maneira mais fiel ou com intenção de causar algum efeito para quem lê. Tal recurso auxilia tanto na composição do imaginário da cena apresentada, quanto na criação das relações com a própria narrativa.

Realizei um exercício que trabalhasse a montagem. Quatro *takes* foram gravados, onde: um mostrava uma ação com uma pequena dificuldade ao ser executada; dois mostravam duas reações distintas; e um que filmasse um objeto. A proposta final era a criação de um vídeo que utilizasse esses *takes*, explorando os recursos de montagem. Este exercício mostra, de maneira muito clara, o artifício da criação - que nada mais é que a soma de elementos de composição com o intuito de causar algum efeito ao espectador, e que sua organização também faz parte do ato de compor, pois a ordem em que os elementos, ou eventos, se apresentam, direcionam um entendimento/ sensação da obra.

Elaborei um exercício que utilizasse truques de edição. A meta era aprender um tutorial de edição e criar uma narrativa em que o “truque” pudesse ser encaixado. Apesar de estarmos acostumados a visualizar vídeos na internet mostrando tais efeitos, assim como a gama de aplicativos que já os possuem, esquecemos que podemos explorar tais recursos na criação de narrativas pelo viés poético, cênico, cômico ou até mesmo dentro da estética do cinema mudo, como relembramos as experimentações em filmes do cineasta e ilusionista Georges Méliès. Para o vídeo, esses tutoriais e aplicativos são uma excelente ferramenta para a criação de narrativas lúdicas, podendo-se utilizar do próprio celular para sua execução. Para o teatro, visando possíveis transposições, podemos recorrer aos truques de magia, projeções ou até jogos de luz e sombra, além da mímica - recurso corporal que mimetiza as ações e os objetos, abrindo espaço para a imaginação do público.

Outro aspecto foi o estudo do *clown*, afinal temos figuras icônicas na história do cinema mudo: além dos mais conhecidos cineastas Charles Chaplin e Buster Keaton, também temos o Harold Lloyd e a dupla O Gordo e o Magro. Seus filmes são exemplos de estrutura para cenas de palhaços. Na próxima pesquisa, com a criação de um grupo de estudos, propõe-se exercícios que despertem a lógica interna do cômico, podendo recorrer a todos os outros elementos já explorados neste projeto. O estudo da máscara se faz relevante, pois ao retirarmos as falas, o corpo necessita comunicar. Princípios de triangulação, expansão do corpo e o foco no trabalho da coluna auxiliam na dilatação da expressividade corporal, que possui uma comunicação muito direta e sincera ao espectador. Metodologias que auxiliam, além do estudo da máscara e do palhaço, são o estudo da pantomima e da Mímica Corporal Dramática, de Étienne Decroux.

E, por fim, houve um exercício que trabalhasse diferentes linguagens dentro da estética do cinema mudo. A proposta era a elaboração de um vídeo lavando a louça, entretanto, selecionei linguagens diferentes para sua execução. Interessante apontar que cada uma pede um enquadramento e uma montagem diferente, assim como na escolha das visualidades e na caracterização das personagens apresentadas nos vídeos.

**Desdobramentos:** Para melhor aproveitamento do trabalho, inscrevi um novo projeto de Iniciação Científica, contemplado pela CNPq PIBIC, onde realizarei tais exercícios com um grupo de estudos, formado por estudantes do Departamento de Artes Cênicas, de forma online, enquanto o isolamento social perdurar. Portanto, o projeto dará continuidade para o aprofundamento da pesquisa sobre os elementos e suas possíveis aplicações em cena, não só como elementos de linguagem, como também no que se refere ao estímulo a diferentes processos artísticos.

## **Bibliografia**

- Filmográficas e em vídeo:
  - SHERLOCK JR.. Direção: Buster Keaton. EUA, 1924;
  - THE GOLD RUSH (*Em Busca do Ouro*). Direção: Charlie Chaplin. EUA, 1925;
  - THE JAZZ SINGER (*O Cantor de Jazz*). Direção: Alan Crosland. EUA, 1927;
  - SINGIN' IN THE RAIN (*Cantando na Chuva*). Direção: Gene Kelly e Stanley Donen. EUA, 1952;
  - THE ARTIST (*O Artista*). Direção: Michel Hazanavicius. França, 2011;
  - SAFETY LAST! (*O Homem Mosca*). Direção: Harold Lloyd. EUA, 1923;
  - SEVEN CHANCES (*As Sétimas Oportunidades*). Direção: Buster Keaton. EUA, 1925;
  - NOSFERATU. Direção: F. W. Murnau. Alemanha, 1922;
  - DAS CABINET DES DR. CALIGARI. (*O Gabinete do Dr. Caligari*). Direção: Robert Wiene. Alemanha, 1920;

- TRIBUTO À CHARLIE RIVEL; Link disponível no Youtube, através da conta “Grupo Bastet”;
  - THE UMBILICAL BROTHERS: SPEEDMOUSE. Diretores: Ben Alcott, David Collins. Austrália, 2004;
  - MRS. BEAN - A SÉRIE. Criadores: Rowan Atkinson e Richard Curtis. Reino Unido, 1990-1995.
  - O GRANDE DUELO. Espetáculo realizado pelo Grupo Criados Mudos, com direção de Dirceu de Carvalho. Brasil, 2017 - 2019;
  - Curtas e longas-metragens mudos da história do cinema.
- Bibliográficas:
    - FO, Dario. *O Manual Mínimo do Ator*. Franca Rame - Senac São Paulo, 1998;
    - LECOQ, Jacques. *Theatre of Movement and Gesture*. New York: Routledge, 2006.
    - MONTEIRO, Gabriela Lírio Gurgel. *Teatro e cinema: uma perspectiva histórica*. ArtCultura, Uberlândia, v. 13, n. 23, p. 23-34, jul.-dez. 2011;
    - COUSINS, Mark. *História do Cinema: dos clássicos mudos ao cinema moderno*. Martins Fontes, 2013;
    - SABADIN, Celso. *Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo*. Summus Editorial, 2009;
    - MASCELLI, Joseph V.. *Os Cinco Cs da Cinematografia*. Summus Editorial, 2010;
    - CARRIÈRE, Jean-Claude. *A Linguagem Secreta do Cinema*. Nova Fronteira, 2015.
    - FREIXE, Guy. *O Clown no Ensino de Jacques Lecoq*. Universidade de Franche-Comté – UFC, Besançon, França
    - LECOQ, Jacques. “*Em busca de seu próprio clown*”. In “Le Théâtre du geste”, org. de Jacques Lecoq, Ed. Bordas, Paris, 1987, pág. 117.